

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Fernanda dos Santos Americo

**“A MOCHILA É SUA CASA”: AS VIAGENS COMO ESTILO DE VIDA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Santa Maria, RS
2023

Fernanda dos Santos Americo

**“A MOCHILA É SUA CASA”: AS VIAGENS COMO ESTILO DE VIDA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Artigo apresentado ao Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Marcos Froehlich

Santa Maria, RS
2023

RESUMO

“A MOCHILA É SUA CASA”: AS VIAGENS COMO ESTILO DE VIDA NA CONTEMPORANEIDADE

AUTORA: Fernanda dos Santos Americo
ORIENTADOR: Prof. Dr. José Marcos Froehlich

O objetivo desta pesquisa é analisar como os sujeitos se apropriam das práticas características das viagens contraculturais para forjar seus estilos de vida na atualidade, bem como identificar quais elementos caracterizam este estilo de vida na contemporaneidade. Atualmente, a adoção das viagens como estilo de vida constitui uma parte importante das práticas características do contexto contemporâneo e se configura como um fenômeno com inúmeras implicações globais, tanto em nível econômico, quanto social e cultural. A partir de pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica e de técnicas como diário de campo, participação observante e entrevistas semiestruturadas com seis mulheres que adotam as viagens como estilo de vida, buscou-se contribuir com a reflexão sobre os múltiplos vetores que estão implicados na adoção desse estilo de vida na contemporaneidade.

Palavras-chave: estilo de vida. viagens contraculturais. etnografia.

ABSTRACT

"THE BACKPACK IS YOUR HOME": TRAVEL AS A LIFESTYLE IN CONTEMPORARY TIMES

AUTHOR: Fernanda dos Santos Americo
ADVISOR: Prof. Dr. José Marcos Froehlich

The objective of this research is to analyze how individuals appropriate the characteristic practices of countercultural travel to forge their lifestyles in contemporary times, as well as to identify the elements that characterize this lifestyle in the present day. Currently, the adoption of travel as a lifestyle constitutes an important part of the characteristic practices of the contemporary context and emerges as a phenomenon with numerous global implications, both economically and socially and culturally. Through a qualitative ethnographic approach and techniques such as field diary, participant observation, and semi-structured interviews with six women who adopt travel as a lifestyle, this study sought to contribute to the reflection on the multiple factors involved in the adoption of this lifestyle in contemporary times.

Keywords: lifestyle. counter-cultural travel. ethnography.

“A MOCHILA É SUA CASA”: AS VIAGENS COMO ESTILO DE VIDA NA CONTEMPORANEIDADE

1. INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XX os países ocidentais desenvolvidos passaram por intensas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Um dos aspectos mais marcantes do período foram as transformações das estruturas de relações, sobretudo entre as gerações. Era o início do fenômeno sociocultural denominado pelo historiador Eric Hobsbawm (1995) como “Revolução Cultural”. Neste contexto, a juventude tornou-se um agente social independente¹, vinculado principalmente às camadas médias e altas urbanas, cujas atitudes eram de contestação e rejeição aos valores e às estruturas de pensamento da cultura dominante. Este espírito de contestação foi o catalisador da chamada “contracultura”, que pode ser compreendida como um conjunto de valores, ideais e modos de vida que se contrapõem aos padrões culturais hegemônicos das sociedades em diferentes tempos históricos (PEREIRA, 1986).

Neste sentido, nas décadas de 1950 e 1960, emergiram nos Estados Unidos dois movimentos contraculturais que revolucionaram os padrões de vida da juventude e estabeleceram novos parâmetros culturais na sociedade. O Movimento Beat e o Movimento Hippie, respectivamente, internacionalizaram-se rapidamente e transformaram os padrões culturais de diversas sociedades ocidentais. Apesar de possuírem um caráter de contestação radical, tais movimentos contraculturais não se propuseram a ser uma ferramenta de revolução social no sentido de superação do sistema capitalista. Entretanto, foram os propulsores de um conjunto de práticas, valores e estilos de vida que reverberam e se atualizam na contemporaneidade.

Dentre as práticas características de tais movimentos destaca-se as longas viagens de mochila, denominadas por Kaminski (2018) como “viagens contraculturais”. Esse estilo de viagem é caracterizado por formas alternativas de transporte e hospedagem, bem como pelo uso de grandes mochilas. Nas décadas de 1950 e 1960, consolidou-se como uma forma de viagem alternativa ao turismo de

¹ Para considerações sobre a construção social da noção de juventude, ver Marin e Froehlich (2019).

massas e foi incorporada aos estilos de vida dos sujeitos adeptos da contracultura. Nas Ciências Sociais, a categoria “estilo de vida” refere-se ao conjunto de conhecimentos e valores que, vinculados à demarcação de posições dos sujeitos no tecido social, são internalizados através dos processos de socialização e se expressam através de práticas que exprimem os gostos, as preferências e as necessidades dos sujeitos (FALCÃO, 2016; CASTRO, 2003).

Atualmente, a emergente apropriação das práticas características das viagens contraculturais aos estilos de vida dos sujeitos demonstra que este fenômeno está em constante transformação e manifesta-se das mais variadas formas. Assim, questiona-se: quais práticas características das viagens contraculturais são incorporadas pelos sujeitos que elegem as viagens como estilo de vida na contemporaneidade? Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar como os sujeitos se apropriam das práticas características das viagens contraculturais para forjar seus estilos de vida, bem como identificar quais elementos caracterizam este estilo de vida na contemporaneidade. Para tanto, realizou-se pesquisa etnográfica junto a seis mulheres de diferentes nacionalidades que adotam as viagens como estilo de vida, tendo como objetivo identificar quais motivações, práticas e valores caracterizam seus estilos de vida.

2. GERAÇÃO BEAT E MOVIMENTO HIPPIE: AS PRÁTICAS DE VIAGENS CONTRACULTURAIS COMO ENFRENTAMENTO A UM MODO DE VIDA HEGEMÔNICO.

Na segunda metade do século XX vivia-se um período de possível iminência de uma guerra nuclear entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS). De um lado, um sistema capitalista em pleno desenvolvimento; de outro, a ascensão de um regime comunista e sua possível internacionalização. Embora não tenha se concretizado um ataque nuclear, o temor pelas consequências globais de um conflito que poderia resultar na extinção da humanidade, era uma constante entre as gerações e preocupava diversos setores da sociedade (HOBBSAWM, 1995, p. 224). Este período de tensão geopolítica e conflito político-ideológico entre duas das maiores potências mundiais e seus aliados, ficou conhecido como “Guerra Fria” (1947 - 1991). Havia uma crença de que, apesar do crescimento econômico de

alguns países nos anos subsequentes ao final da Segunda Guerra Mundial, o futuro do capitalismo e da sociedade liberal não estava de modo algum assegurado e poderia desestabilizar-se a qualquer momento (Ibidem, 1995). Portanto, intensificou-se a ofensiva norte-americana no combate aos ideais comunistas dentro e fora do país, resultando na perseguição violenta a sujeitos cujas atitudes não se adequavam aos ideais capitalistas.

Neste contexto, alguns países ocidentais desenvolvidos adentraram em um período de intensa industrialização e desenvolvimento da economia. Nos Estados Unidos, esta “Era de Ouro” (1945 - 1973), nos termos de Hobsbawm (1995), foi caracterizada pelo crescimento econômico, pelo desenvolvimento tecnológico, pela ascensão da classe média e do Estado de bem-estar social, bem como de uma cultura do consumo.

Em termos sociais e culturais, o “American Way of Life”, modo de vida específico da família tradicional classe média norte-americana, sobretudo vinculado ao consumo de massa, às imagens de felicidade, integração e satisfação com a vida, que havia se consolidado como um ideal nacional no período entre guerras, passou a ser amplamente questionado por uma juventude que emergia como um agente social independente (HOBBSAWM, 1995; DA SILVA, 2015, p. 49). A Revolução Cultural, a que se refere Eric Hobsbawm na obra “A era dos Extremos - o breve século XX”, versa sobre a crise da família e da casa, da estrutura de relações, sobretudo entre as gerações, do acesso das mulheres brancas de classe média à vida pública e de uma nova cultura jovem. Entretanto, para fins deste trabalho, detenho-me aqui à questão da juventude.

Embora a existência de grupos etários não seja novidade nas sociedades, a nova autonomia da juventude como uma camada social separada pode ser compreendida a partir de três dimensões. Primeiro, a juventude passou a ser vista não como um estágio preparatório para a vida adulta, mas como estágio final do desenvolvimento humano. A seguir, tornou-se dominante nas economias de mercado desenvolvidas, uma vez que passou a representar uma massa concentrada com poder de compra. Como terceira dimensão da nova cultura jovem nas sociedades urbanas, está seu espantoso internacionalismo. A difusão de estilos específicos de roupa, cabelo, comportamento e de gostos musicais, como o rock, tornaram-se marcas da juventude moderna, não só nos Estados Unidos, mas também em outros países. Isso demonstra a força da hegemonia cultural dos

Estados Unidos na cultura popular e nos estilos de vida no ocidente (HOBSBAWM, 1995. p. 320).

Essa hegemonia cultural teve início ainda no período entre guerras, através da indústria cinematográfica americana e, posteriormente, amplificou-se por meio da difusão via a intermediária cultural Grã-Bretanha, através de discos, fitas, e da distribuição mundial de imagens, entre outros. Difundiu-se também através da moda, na então emergente sociedade de consumo, e através dos contatos internacionais promovidos pelo turismo juvenil (HOBSBAWM, 1995. p. 321). Nesse sentido, a cultura jovem, que tornou-se "cultura jovem global", foi a matriz da revolução cultural, no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nas formas de lazer e das artes, e na construção de estilos de vida alternativos ao American Way of Life (HOBSBAWM, 1995).

Esta juventude emergente, vinculada principalmente às camadas altas e médias dos grandes centros urbanos, rejeitou a partir de dentro não apenas os valores, mas também as estruturas de pensamento da cultura dominante. No interior de suas casas, nos seios de suas famílias nucleares, na escola, nos campi universitários, nos movimentos sociais e nos demais espaços em que circulavam, a juventude assumia uma postura de contestação (PEREIRA, 1986. p.15). É inicialmente a juventude branca das camadas médias de países desenvolvidos que vai constituir o núcleo deste novo espírito de contestação radical chamado contracultura (PEREIRA, 1986). O termo "contracultura", neste sentido, refere-se aos estilos de vida e atribuição de significados diferentes dos hegemônicos, trata-se de construir o "próprio ser com meios significativos" e de voltar-se contra a "Grande Narrativa da dominação ocidental", as racionalidades dominantes e modernizantes, pelas vias de reafirmar a capacidade inventiva de constituir as próprias narrativas e significados (SAHLINS, 1997, p. 57). Desta forma, emergiram movimentos contraculturais que buscaram engendrar estilos de vida alternativos ao American Way of Life.

Um dos movimentos contraculturais mais expressivos foi o Movimento Beat, ou Geração Beat, que surgiu entre meados de 1944 e 1950. Os *Beats* eram jovens escritores e poetas norte-americanos que, em sua maioria, dedicavam-se à literatura enquanto empreendiam longas viagens em busca de um estilo de vida alternativo à sociedade do consumo (KAMINSKI, 2018). Eles viajavam por diversos países, trabalhavam em empregos temporários e narravam suas experiências através da

literatura, buscando revolucionar o conformismo literário norte-americano. Também constituíram-se como uma geração que influenciou outros movimentos contraculturais nas décadas seguintes, como o Movimento Hippie, em meados de 1960 (KAMINSKI; VIEIRA, 2020). O livro “On The Road” (1957), de Jack Kerouac, é uma das obras mais conhecidas desta Geração².

De acordo com Kaminski (2018), dois termos são utilizados para se referir ao Movimento Beat. Enquanto o termo Beat se refere à geração de escritores e ao seu estilo literário, o termo Beatniks é utilizado para descrever aqueles que adotavam o estilo de vida descrito pelos autores da literatura Beat (Ibidem, p.85). O estilo de vida dos Beatniks é caracterizado pelos deslocamentos intensos e constantes e pelas longas viagens de mochila. Esta prática foi definida por Falcão (2016) como “mochilar”. Já para Kaminski (2018), esta prática denomina-se “estilo de viagem contracultural” e

possui seus elementos e características específicos, que estão diretamente relacionados ao imaginário da contracultura, sendo uma de suas expressões socioculturais. Sua relação com as instituições, no entanto, é de antagonismo, de contraposição ao sistema, aos autoritarismos e ao consumismo (Ibidem, 2018, p. 95).

Este estilo de viagem pode ser compreendido também como uma forma alternativa ao Turismo³, uma vez que aqueles que a praticavam não compactuavam com a transformação das viagens em mercadorias a serem consumidas (FALCÃO, 2016, p. 88).

Outro movimento contracultural bastante expressivo foi o Movimento Hippie, composto em sua maioria por jovens, cujo conjunto de valores correspondiam aos ideais de liberdade, paz, amor e união. Além disso, levantaram discussões sobre o amor livre, o anticonsumismo e questões relativas à conservação ambiental e ecológica (HÜBNER; FROEHLICH, 2023). Vivendo em um contexto geopolítico de intervenção dos Estados Unidos no Vietnã, os hippies também opunham-se ao alistamento militar obrigatório para milhões de jovens e, muitos deles, com o objetivo de escapar da guerra, fugiram com suas mochilas para outros países, ou passaram a viver como exilados em seu próprio país. Nesse âmbito, a partir da década de

² Nesta obra o autor narra suas experiências de viagem com amigos pelos Estados Unidos, descrevendo minuciosamente seus cotidianos, formas de viajar e de sustentar-se economicamente.

³ Fenômeno que ocorre quando um ou mais indivíduos se trasladam a um ou mais locais diferentes de sua residência habitual por um período maior que 24 horas e menor que 180 dias, sem participar dos mercados de trabalho e capital dos locais visitados (OMT, 2001 apud OLIVEIRA, 2002).

1970 consolidou-se a Revolução das Mochilas (KAMINSKI, 2018. p.88), fenômeno que se espalhou por diversos países, tornando-se um fenômeno transnacional.

Os hippies eram jovens que passaram a adotar as viagens como estilo de vida. Eles carregavam em suas mochilas apenas o necessário para viver, optavam por hospedagens econômicas e/ou compartilhadas e se deslocavam por meio de caronas. Aqueles que trabalhavam, costumavam ser artesãos ou músicos. Ficaram conhecidos também como "mochileiros", pois carregavam seus pertences em grandes mochilas, e "vagabundos", por não possuírem um trabalho fixo convencional. A mochila, enquanto símbolo mais expressivo dos viajantes, bem como o estilo de viagem contracultural empreendido por eles, caracteriza o que Falcão (2016) denomina "mochilar".

Neste contexto, falava-se no surgimento de uma nova consciência, de uma nova era e, aos poucos, os meios de comunicação de massa passaram a veicular o termo "contracultura". Inicialmente o fenômeno foi caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, o misticismo, um tipo de música específica, as diversas experiências psicodélicas, entre outras características. Entretanto, logo percebeu-se que o que havia em curso neste conjunto de manifestações culturais significava também novas maneiras de pensar e de se colocar diante do mundo, que inauguraram um outro universo de significados e valores, os quais possuíam suas regras próprias (PEREIRA, 1986).

Apesar de possuir um caráter de contestação radical, a contracultura não se propôs a ser uma ferramenta de revolução social no sentido de superação do sistema capitalista. Pelo contrário, mesmo quando eram organizadas manifestações, grupos e movimentos públicos, com efeitos de uma rebelião de massa, a essência da contracultura permanecia alicerçada no subjetivismo. A rejeição aos padrões culturais convencionais não se dava em nome de um outro padrão de ordenação da sociedade, mas em prol de uma autonomia ilimitada do desejo humano (HOBBSAWM, 1995. p. 237). Nesse sentido, delineou-se um movimento social de caráter fortemente libertário que colocava em xeque diversos valores da cultura ocidental. A contracultura inaugurou não só nos Estados Unidos e na Europa, mas também em diversos países do mundo, um estilo de vida pautado em uma cultura dissidente, emancipatória ou underground (PEREIRA, 1986).

Portanto, pode-se entender por contracultura um modo de se referir ao conjunto de movimentos de contestação da juventude que marcaram os anos 1960

caracterizados pela difusão do rock⁴, pela movimentação nos campi universitários, pelas viagens de mochila e pelas experiências psicodélicas, entre outros, e motivados pela insatisfação com o modo de vida convencional e pela busca de outras formas de experienciar o mundo. Nesse sentido, trata-se de um fenômeno datado e situado historicamente. Por outro lado, pode-se referir também a um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, que reaparece de tempos em tempos, em diferentes contextos históricos e sociais e revigora a crítica social. Tanto no sentido geral quanto no sentido específico, o termo é utilizado para evidenciar uma realidade, cuja natureza radical e questionadora, sugere a ideia de que estamos diante de algo *contra* a cultura oficial (PEREIRA, 1986).

Tendo em vista que atualmente diversos sujeitos apropriam-se de elementos característicos da contracultura, como as práticas de viagens, os estilos de vida, os valores e ideais, bem como os modos de se vestir e se deslocar pelo mundo, neste trabalho, busco analisar como essas práticas se atualizam e são vivenciadas na contemporaneidade. Na seção seguinte apresento minha trajetória pessoal com as práticas de viagens contraculturais, bem como os caminhos metodológicos que percorri para realizar este trabalho de conclusão de curso.

3. DE VIAJANTE À PESQUISADORA: TRAJETÓRIA PESSOAL

Meu primeiro contato com o universo das viagens como estilo de vida foi através da rede social Instagram. Em meados de 2018 passei a acompanhar perfis de mulheres que optaram pelas viagens como estilo de vida. Em suas narrativas havia um esforço em desmistificar o imaginário social acerca desse estilo de vida, por isso compartilhavam diariamente suas rotinas como viajantes, as limitações deste estilo de vida, os destinos turísticos, as dinâmicas de relacionamentos, as formas de trabalho e a realidade crua de um cotidiano em constante movimento. Eram mulheres de diversas nacionalidades, faixa etária, raça e classe social. Entretanto, um fator comum entre elas era o modelo de moradia e trabalho. Todas praticavam *work exchange* pela plataforma WorldPackers.

A WorldPackers é uma empresa brasileira de base tecnológica que promove diferentes formas de intercâmbio, no qual o viajante desempenha algum tipo de

⁴ Ver: MERHEB, Rodrigo. O som da revolução: uma história cultural do rock (1965 – 1969). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

trabalho voluntário em troca de hospedagem e alimentação (MARINS, 2018). Este intercâmbio de trabalho é caracterizado como *work exchange*, ou “voluntariado”, e tem como objetivo trocar o custo de acomodação pela mão de obra dos viajantes⁵. É possível realizar o voluntariado em ONGs, comunidades, escolas, camping, Hostel, limpeza de praias, sítios/fazendas, projetos de permacultura, ecovilas, centro holístico, pousadas, entre outros. O voluntariado mais comum no Brasil é realizado em Hostel⁶, nas áreas de limpeza, recepção ou social media, e possui carga horária máxima de 30 horas semanais. Muitos assinantes da WorldPackers trabalham como produtores de conteúdo nas redes sociais da plataforma e recebem bonificações de acordo com o que é produzido; entretanto, é necessário que o viajante já tenha estabelecido algum tipo de influência nas redes sociais e/ou possua um número expressivo de seguidores⁷. Para realizar *work exchange* pela plataforma é necessário criar um perfil pessoal e aplicá-lo nas vagas disponíveis. A seleção é feita exclusivamente pelos anfitriões dos locais cadastrados na plataforma.

Após me deparar com um estilo de vida com relativo baixo custo, pautado por formas flexíveis de trabalho e na liberdade geográfica, assinei a WorldPackers e decidi experimentá-lo. Na época, tinha 26 anos, morava no interior do estado do Rio Grande do Sul e cursava Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cabe ressaltar que no período da experiência, entre novembro de 2021 e abril de 2022 permaneci vinculada à Universidade e participei semanalmente das aulas que, devido à pandemia de Covid-19⁸, foram realizadas em modelo de Regime de Exercícios Domiciliares (REDE).

Ao longo da experiência, pratiquei *work exchange* em dois hostels. Na Praia do Rosa, vilarejo localizado na cidade de Imbituba, no estado de Santa Catarina, e em Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo, respectivamente. Em ambas as

⁵ Desde o início dos anos 2000, novas plataformas ajudaram a disseminar a ideia de *work exchange*: trabalho remunerado em forma de hospedagem e alimentação (MOREIRA, 2020).

⁶ Meio de hospedagem alternativo à hotelaria, cuja filosofia, características físicas e serviços são de cunho social (BAHLS; PEREIRA, 2017)

⁷ Além disso, “viajantes experts”, que já realizaram mais de três voluntariados mediados pela plataforma, recebem um código promocional pessoal, o qual é convertido em porcentagem de desconto aos novos assinantes e comissão ao titular do cupom, concomitantemente. Dados disponíveis em: <https://help.worldpackers.com/hc/pt-br/articles/14243644065293-Benef%C3%ADcios-de-ser-membro-da-Worldpackers>.

⁸ A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. A evolução dos casos levou a OMS (Organização Mundial da Saúde) a decretar pandemia em março de 2020. O fim da pandemia foi decretado em 5 de maio de 2023. Dados obtidos em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/coronavirus/>.

experiências, permaneci em média quarenta dias, trabalhei cerca de trinta horas semanais nas áreas de limpeza e recepção, fiquei acomodada em quarto compartilhado misto e, na Praia do Rosa, recebi uma refeição por dia da administração do hostel. Na época, percebi que nos hostels por onde passei havia um perfil característico dos sujeitos que optavam pelas viagens como estilo de vida e praticavam *work exchange* como meio de reduzir seus custos econômicos.

Na Praia do Rosa, a equipe era composta por três mulheres de nacionalidades brasileira e argentina, na faixa etária dos 25 aos 35 anos, e um homem de nacionalidade brasileira de aproximadamente 40 anos. Todos possuíam graduação completa, mas não trabalhavam em suas áreas de formação. Na cidade de Ubatuba, o perfil era bastante semelhante. A equipe era composta por duas mulheres brasileiras e dois homens brasileiros, na faixa etária dos 30 anos, que possuíam diploma de graduação mas não trabalhavam em suas áreas. A maior parte deles trabalhava como artesão, freelancer ou vendedor ambulante. No meu caso, de início utilizei como fonte de renda o valor restante da multa rescisória de um antigo contrato de emprego e, posteriormente, trabalhei com a produção e comercialização de doces.

Devido ao retorno presencial das atividades acadêmicas na Universidade, em maio de 2022, abri mão deste estilo de vida e retornei para Santa Maria (RS), cidade que me acolheu nesse percurso de graduação. Em agosto do mesmo ano, empreendi mais uma viagem e pratiquei *work exchange* no Chamos Hostel Cultural, na cidade de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. Novamente, permaneci trinta dias no local, trabalhei cerca de trinta horas semanais nas áreas de limpeza e recepção, fiquei acomodada em um quarto compartilhado misto e recebi uma refeição por dia da administração do hostel. Na época, a equipe era composta por quatro homens de nacionalidades brasileira e argentina, na faixa etária entre 25 e 35 anos, e uma mulher argentina de 30 anos. Dentre as ocupações destacam-se tatuador, artista muralista, artesão e vendedor ambulante.

Em ambas as experiências, meus deslocamentos entre estados e municípios foram viabilizados por meio dos recursos da Identidade Jovem (ID Jovem)⁹ e do aplicativo de caronas BlablaCar. Empreendi sozinha todas as viagens. Após

⁹ Programa federal criado a partir do Decreto nº 8.537, de 5 de outubro de 2015 que visa garantir às juventudes das classes populares o direito a descontos de 50 a 100% em passagens de transporte coletivo interestadual. Dados obtidos em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/idjovem>.

vivenciar a terceira experiência de *work exchange*, as questões práticas relativas às viagens como estilo de vida mobilizaram meus interesses de pesquisa. Ademais, a intensa convivência com as viajantes nestes primeiros contatos com o campo, antes de entendê-lo como tal, despertou minha imaginação sociológica acerca da temática. Na seção seguinte, apresento os caminhos metodológicos e técnicas de pesquisa que utilizei para realizar o presente trabalho.

4. ENTRAR EM CAMPO, MORAR NO CAMPO E VIVER O CAMPO: NOTAS METODOLÓGICAS DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM HOSTEL

Após adotar as viagens como estilo de vida e ter meus interesses de pesquisa acerca da temática mobilizados durante a experiência, optei por realizar o trabalho de campo do presente Trabalho de Conclusão de Curso em um hostel localizado na cidade de Arraial do Cabo (RJ), local em que já havia realizado *work exchange* anteriormente. Devido a minha experiência enquanto mulher que já vivenciou as viagens como estilo de vida, percebi que o hostel é um tipo de acomodação que proporciona um ambiente relativamente seguro de vivências para mulheres, e que, além disso, a organização física do espaço possibilita a construção de relações de proximidade entre os sujeitos. Além disso, considero que a prática de *work exchange* pode ser compreendida também como uma ferramenta de socialização, uma vez que supõe o contato direto entre sujeitos de diferentes nacionalidades, bem como possibilita a criação de laços de solidariedade entre aqueles que a praticam. Tendo em vista esses aspectos, optei por praticar *work exchange* concomitantemente à realização do trabalho de campo, pois considerei que esta seria uma forma eficaz de imersão com as interlocutoras de pesquisa e com o fenômeno em questão.

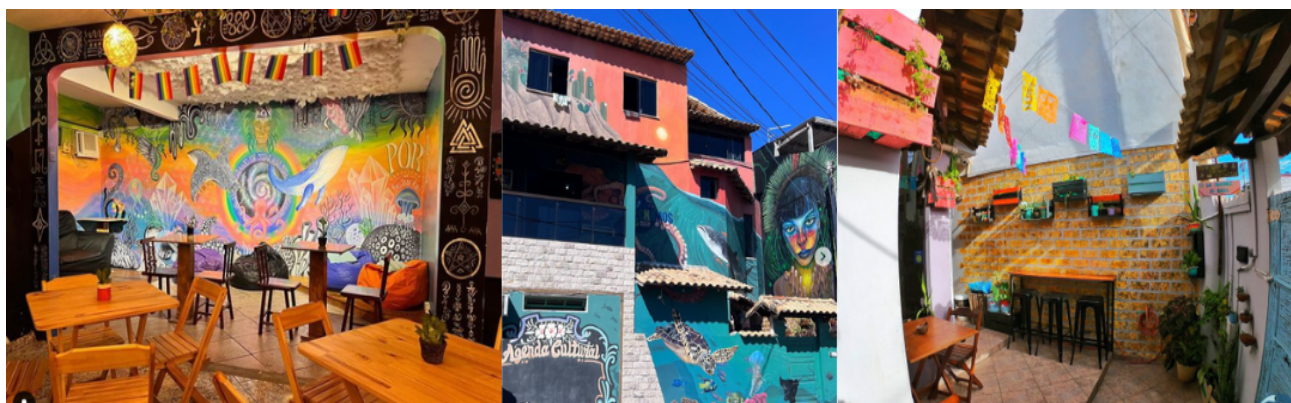
Assim, no dia 04 de março de 2023, embarquei em um ônibus saindo da cidade de Santa Maria (RS) em direção à cidade do Rio de Janeiro (RJ)¹⁰, e posteriormente fiz baldeação até a cidade de Arraial do Cabo¹¹. Devido ao laço de amizade construído com Maxi e Ricardo, administradores do Chamos Hostel

¹⁰ Como mencionado anteriormente, em todas as viagens interestaduais que realizei utilizei os recursos da ID Jovem para obter descontos em passagens de ônibus. Na ocasião desta viagem, o desconto obtido foi de 100% e o custo com as passagens de ida e volta foi cerca de R\$ 25,00.

¹¹ Utilizei o recurso de carona do aplicativo BlablaCar no percurso entre a cidade do Rio de Janeiro e a cidade de Cabo Frio (RJ); e os serviços de transporte público para ir de Cabo Frio a Arraial do Cabo (RJ).

Cultural¹², esta segunda experiência de *work exchange* não foi mediada pela plataforma WorldPackers. Além disso, minha entrada em campo também foi facilitada, pois me concederam autorização para realizar a pesquisa nas dependências do hostel. Cheguei na cidade de Arraial do Cabo cerca de 36 horas após o primeiro embarque. No período em questão, a carga horária de trabalho no Chamos Hostel Cultural consistia em 30 horas semanais, com dois dias de folga por semana, em troca de acomodação em quarto compartilhado misto e ajuda de custo semanal de R\$ 20 reais por pessoa para alimentação. A equipe de *work exchange* era composta por três jovens entre 21 e 29 anos, de nacionalidades espanhola, colombiana e brasileira, todos mediados pela plataforma WorldPackers.

Figura 1 - Chamos Hostel Cultural



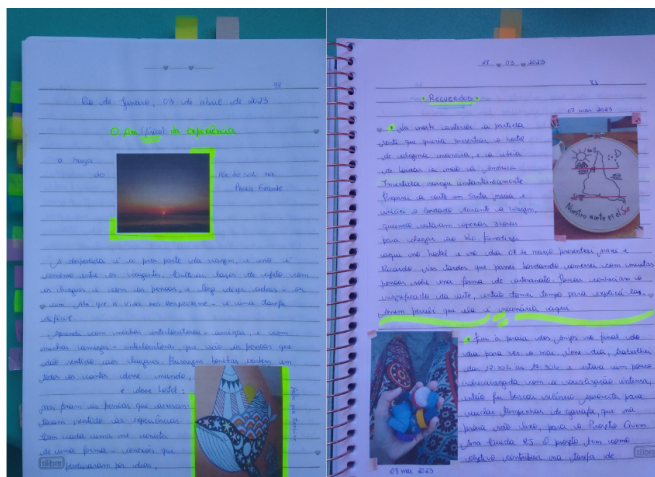
Fonte: Compilação da autora.¹³

Durante os 30 dias dessa experiência, conciliei as demandas do *work exchange* com o trabalho de campo desta pesquisa e com momentos de lazer e ócio. Na primeira semana me dediquei à adaptação aos turnos de trabalho, à rotina no hostel e ao desenvolvimento do hábito de utilizar o diário de campo para descrever aspectos do cotidiano que considerava relevantes para a pesquisa. Assim, o hábito da escrita se tornou um ritual cotidiano praticado em diversos lugares do hostel.

¹² Para mais informações ver: <https://chamoshostelcultural.com/>

¹³ Montagem feita a partir de imagens coletadas no Instagram do Chamos Hostel Cultural. Disponível em: <https://www.instagram.com/chamoshostelcultural>.

Figura 2 - Diário de Campo



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta prática despertou curiosidade em alguns sujeitos, mesmo entre aqueles que possuíam o hábito de escrever em seus diários de viagem. A partir disso, passaram a me questionar sobre os sentidos da prática, e assim surgia o assunto acerca da temática da pesquisa e minhas motivações para estar habitando aquele espaço naquele momento.

Considero o trabalho antropológico como um conhecimento que se baseia no vínculo estabelecido junto aos sujeitos da pesquisa, por isso os dados que são reunidos não podem ser dissociados das situações que nos encontramos imersos e da própria história pessoal. Nesse sentido, a prática etnográfica é caracterizada por um processo de intersubjetividades, pela busca incessante de profundo diálogo com o outro e pela descentralização das posições nas relações em campo (OLIVEIRA, 1996). Diferentemente de outras ciências, onde o pesquisador preza pelo exercício da “neutralidade” legitimadora da cientificidade, a presença do antropólogo e seus desdobramentos em campo é necessária à construção do conhecimento antropológico (CALDEIRA, 1988. p. 134).

Após adentrar a segunda semana em campo, passei a me dedicar à finalização dos roteiros de entrevistas e à busca de interlocutoras para a pesquisa. Inicialmente elaborei dois tipos de roteiro de entrevista, um direcionado às mulheres que adotam as viagens como estilo de vida; e outro direcionado à Maxi e Ricardo, administradores do hostel; ambos contendo dez perguntas semiabertas sobre estilo de vida e práticas de viagem. Ao longo das entrevistas os roteiros foram ajustados

aos objetivos da pesquisa. Durante a segunda e terceira semanas em campo, encontrei seis mulheres de diferentes nacionalidades que se dispuseram a participar como interlocutoras desta pesquisa. O primeiro contato com as interlocutoras foi no âmbito do Chamos Hostel Cultural e do Enseada Hostel¹⁴; bem como em um momento de lazer na praia e no contexto de uma confraternização.

Devido à transitoriedade e intensa mobilidade de minhas interlocutoras e, portanto, a necessidade de realizar a pesquisa em diversos locais, como no hostel, na praia e em locais urbanos, como na praça da cidade, fez-se necessária a compreensão de que a própria espacialidade onde se realiza a prática etnográfica é heterogênea. Desta forma, optei pela etnografia multisituada (MARCUS, 2001), uma vez que apresenta-se como uma possibilidade para a investigação daquilo que é móvel, global, e, portanto, multi situado. É necessário um olhar atento para que se constitua a observação das regularidades, as variações das práticas e atitudes cotidianas dos indivíduos, as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais, para além de suas formas institucionais (ROCHA;ECKERT, 2008). A etnografia como uma descrição densa de relações, é um processo que resulta de diversos momentos do trabalho de campo e da análise dos dados obtidos através da observação participante e/ou de entrevistas (GEERTZ, 2008). Segundo Magnani (2009), os sentidos da etnografia são construídos no desenvolvimento da pesquisa, e uma totalidade, em termos da etnografia, é aquela que constitui o contexto da experiência diária dos sujeitos, que, quando identificada pelo pesquisador, transforma-se em chave e condição de inteligibilidade.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram o diário de campo, a participação observante e as entrevistas semi estruturadas com uso de gravador de voz. A participação observante consiste em tornar o observador um pesquisador, ele mesmo objeto e sujeito da observação (WACQUANT, 2002). Por isso, neste sentido, considerei relevante refletir sobre minha experiência pessoal como viajante e os aspectos materiais e subjetivos que atravessaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, cabe ressaltar que devido às especificidades do campo, como a intensa socialização entre os sujeitos, a agitação inerente ao ambiente e as múltiplas opções de lazer, tanto para mim quanto para as interlocutoras, o cronograma de entrevistas foi flexibilizado diversas vezes durante a pesquisa. Ao longo da

¹⁴ Para mais informações ver: <https://enseadahostel.com.br/>

elaboração do presente trabalho os nomes verdadeiros das interlocutoras foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar suas identidades.

Na seção seguinte, busco analisar em que medida as práticas características das viagens contraculturais se atualizam na contemporaneidade e como são apropriadas pelos sujeitos que adotam as viagens como estilo de vida.

5. VIAGENS COMO ESTILO DE VIDA NA CONTEMPORANEIDADE

As viagens constituem uma parte importante das práticas características da sociedade contemporânea e se configuram como um fenômeno com inúmeras implicações globais, tanto em nível econômico quanto político, social e cultural. São motivadas pela busca de liberdade e encontro com a diferença; e são impulsionadas pela globalização, pela expansão do capitalismo, pelas novas tecnologias de informação e pela relativa facilidade de acesso aos meios de transporte. Neste sentido, o ato de viajar foi ressignificado e incorporado a estilos de vida de diferentes grupos sociais. Muitos sujeitos acabaram transformando as viagens contraculturais em um estilo de vida baseado em valores como liberdade, independência, aventura, autoconhecimento, encontro com a alteridade e desprendimento (OYHANTCABAL, 2016;2018a; KAMINSKI;VIEIRA, 2020, p. 3). Resgatam, assim, elementos característicos das viagens contraculturais e as incorporam aos seus estilos de vida na contemporaneidade. Tendo em vista que os sujeitos circulam sob fortes coerções sociais, culturais e políticas, e portanto são atravessados por marcadores como gênero, raça, etnia, classe social, etc, compreende-se que há inúmeras formas de vivenciar esse estilo de vida (CLIFFORD, 1995).

Nesse sentido, há diversos tipos de habitação, que variam de acordo com a preferência e as condições de cada viajante. Pode-se indicar que há sujeitos que vivem em casas móveis (Motorhomes); outros em campings; há aqueles que optam por aluguéis temporários de imóveis; e aqueles que optam por hospedar-se em Hostel, um meio de hospedagem alternativo à hotelaria, cuja filosofia, características físicas e serviços priorizam a socialização dos hóspedes (BAHLS; PEREIRA, 2017). Em relação às formas de moradia, Lilian, mulher branca, brasileira de aproximadamente 32 anos, afirma que prefere se hospedar temporariamente em Hostel porque esta é uma forma de hospedagem que lhe possibilita conhecer

peçoas, interagir e ter companhia. Ela relata que adotou este estilo de vida há cerca de cinco meses, tendo como principal facilitador seu trabalho com marketing digital, que lhe proporcionou liberdade geográfica e a possibilidade de “viver viajando”. Melissa, mulher branca, de nacionalidade francesa, com aproximadamente 35 anos, afirma que prefere se hospedar em hostel, mas considera que “a mochila é sua casa”.

As modalidades de trabalho também são diversas entre os praticantes deste tipo de viagem. Há sujeitos que, como Lilian, possuem empregos fixos em regime de home office; outros trabalham como *freelancer*¹⁵ em bares, restaurantes e/ou agências de turismo; como artesãos, tatuadores, vendedores ambulantes ou artistas; entre outros. Íris, mulher branca, brasileira, de 21 anos, produz resenhas de livros de literatura e as comercializa através do site da Amazon; responde pesquisas de opinião em sites; e, no período em que participou da pesquisa, estava começando a produzir brigadeiros para comercializar no hostel onde morava.

Na intersecção entre moradia e trabalho encontra-se a prática de *work exchange*, cujo objetivo é a troca de mão de obra pelo custo de hospedagem. A principal facilitadora desta modalidade de moradia e trabalho entre as interlocutoras da pesquisa é a plataforma WorldPackers. Lilian afirma que a prática de *work exchange* é uma forma de reduzir consideravelmente o custo de vida, principalmente em relação aos custos de moradia, e relata que desta forma reduziu seu custo de vida em aproximadamente cinco vezes. A percepção da redução do custo de vida através da prática de *work exchange* é unanimidade entre as interlocutoras. Entretanto, outras dimensões são destacadas.

Melissa afirma que praticar *work exchange* é uma forma de economizar, mas também é uma possibilidade de trabalhar com arte, como muralista. Por outro lado, Daysi, mulher indígena colombiana, de 31 anos, relata que

*“Una das mejores escolhas que fiz na minha vida foi fazer voluntariado. Talvez eu não conheça o mundo, mas a pergunta es “de que jeito você quer conhecer o mundo?” Talvez seja conhecendo países, lugares, mas pra mi o mundo somos nós, as pessoas que habitamos nele. Então conhecer pessoas de cada país ha sido parte de yo conhecer esse mundo. Essa es minha experiência de viajar sozinha fazendo voluntariado.”*¹⁶

¹⁵ Modalidade de contratação temporária de trabalhador para a realização de uma tarefa específica, por um prazo pré determinado (NOGUEIRA; CARVALHO 2021).

¹⁶ Trecho destacado a partir da transcrição da entrevista realizada com Daysi para fins desta pesquisa. Elementos de caráter linguístico foram mantidos.

Diferentemente da figura dos peregrinos da Idade Média, cujo principal objetivo era a busca por conexão com o sagrado; do conquistador, que até o século XIX buscava explorar e dominar territórios; e da figura do turista que busca, através das viagens, desfrutar de momentos de lazer e ócio em suas férias (DUPLANIC, 2005), os sujeitos que optam pelas viagens como estilo de vida assemelham-se aos beats e aos hippies em termos de motivações, práticas e ideologia, pois buscam adotar estilos de vida alternativos ao modo de vida convencional, que aproximam-se das dimensões qualitativas da vida humana (KAMINSKI; VIEIRA, 2020). Neste sentido, Melissa enfatiza

“Quando fiz 35 anos eu percebi que é mais esquisito viajar, porque normalmente nessa idade você tem que ter uma casa, tem que se casar, ter uma criança. Eu percebi que a sociedade não gosta muito que com 35 anos você está viajando, não é o estilo de vida que as pessoas querem pra você. Sei que minha família está feliz porque eu estou feliz, mas sei que estão preocupados que não estou com uma pessoa, com crianças, e eles querem.”¹⁷

Desta forma, percebe-se que há um descompasso entre os valores característicos desse estilo de vida e os valores que caracterizam o modo de vida convencional na contemporaneidade, pautado na produtividade e na realização pessoal através do trabalho estável. Na Sociologia a categoria “modo de vida” é utilizada para analisar os processos de mudança envolvidos nas transformações das sociedades pré-capitalistas para as sociedades industrializadas (BRAGA et.al., 2017). Tal categoria é utilizada em estudos relativos às condições de vida em sociedade. O termo “modo de vida” relaciona-se a parâmetros culturais estabelecidos diante do meio social em que se vive, ou seja, está relacionado com padrões culturais que se expressam na forma de vida dos sujeitos no interior de uma sociedade.

O conceito de “estilo de vida”, por sua vez, relaciona-se com elementos como gênero, idade, classe social etc. É um conjunto de conhecimentos e valores que, vinculados à demarcação de posições dos sujeitos no tecido social, são internalizados através dos processos de socialização e se expressam através de práticas que exprimem os gostos, as preferências e as necessidades dos sujeitos. Desta forma, o diferencial entre o conceito de estilo de vida e modo de vida expressa-se através da vinculação do conceito de estilo de vida como marcador de

¹⁷ Trecho destacado a partir da transcrição da entrevista realizada com Melissa para fins desta pesquisa. Elementos de caráter linguístico foram mantidos.

diferenças e hierarquias entre indivíduos, e de modo de vida como parâmetros culturais vinculados ao meio social em que se vive. De um modo geral, o conceito de estilo de vida é empregado como referente às singularidades expressas através do *habitus*¹⁸ dos indivíduos (BRAGA et.al., 2017; CASTRO, 2003).

Dentre as motivações que mobilizaram as interlocutoras a adotar as viagens como estilo de vida, destacam-se a busca por autoconhecimento, liberdade, contato com outras culturas, aventura e independência. Lilian e Íris enfatizam que através desse estilo de vida buscam autoconhecimento e liberdade. Dahlia, mulher branca franco-portuguesa, de 22 anos, relata que sempre quis viajar sem data de retorno, “sem saber do amanhã”, pois gosta de se desafiar e se aventurar, bem como dos aprendizados que este estilo de vida proporciona. Melissa enfatiza que, dentre suas motivações, está a possibilidade de conhecer outras culturas, outros lugares, e viver em contato com a natureza. Olívia, mulher branca, argentina, de 18 anos, relata que saiu do seu país para experimentar a liberdade e buscar autoconhecimento.

As viagens de mochila, prática predominantemente masculina até a década de 1960, também enfrentaram transformações advindas dos movimentos contraculturais e cada vez mais mulheres adentraram neste universo. Entretanto, os avanços conquistados pelos movimentos feministas ainda coexistem com o sexismo presente na sociedade. Atualmente, embora um número mais expressivo de mulheres já realize viagens de mochila, a insegurança e o machismo ainda cerceiam uma maior liberdade durante as viagens (KAMINSKI; VIEIRA, 2020). Ao questionar Dahlia sobre a sensação de segurança durante as viagens, ela destacou que, enquanto mulher que realiza sozinha longas viagens de mochila, está sempre atenta ao ambiente e às circunstâncias, porém salienta que este fator não deve ser um impedimento para que outras mulheres realizem viagens sozinhas ou adotem as viagens como estilo de vida. Por outro lado, Melissa relata que, por já ter vivenciado muitas situações de assédio, tem medo da violência masculina e mantém-se em alerta em todos os lugares e circunstâncias. Todavia, as demais interlocutoras de pesquisa relataram que se sentem seguras.

As viagens de caronas, outra característica das viagens contraculturais, passaram por transformações e se atualizam na contemporaneidade. Atualmente

¹⁸ O *habitus*, para Pierre Bourdieu, é composto de esquemas de percepções (maneiras de perceber o mundo), de apreciações (maneiras de julgá-lo), e de ações (maneiras de comportar-se) que foram interiorizadas e incorporadas pelos indivíduos ao longo de sua socialização - primária, durante a infância, e secundária, na idade adulta - de maneira mais ou menos inconsciente (GIL, 2008, p. 50).

são facilitadas por meio de aplicativos digitais, a exemplo do BlablaCar, aplicativo de carona compartilhada que conecta motoristas e caroneiros em mais de 20 países. Além disso, as formas de comunicação utilizadas pelos viajantes também passaram por transformações. Grupos no Facebook¹⁹ e Whatsapp, bem como perfis no Instagram²⁰, são uma importante ferramenta de conexão entre viajantes e são bastante utilizados como meio de compartilhar informações sobre destinos, hospedagem, oportunidades de trabalho etc. Nas redes sociais há uma infinidade de perfis e pessoas divulgando este estilo de vida, além de blogs e sites especializados. Ainda, percebe-se que há um aumento considerável na adoção desse estilo de vida entre sujeitos de diversas idades, raças, etnias, classes sociais, etc.

Portanto, de um modo geral, identifica-se que as características comuns entre as viagens contraculturais e as viagens como estilo de vida na contemporaneidade são as formas alternativas de trabalho, moradia, lazer e deslocamentos, assim como os valores e ideais que balizam suas formas de se relacionar consigo e com o mundo (OYHANTCABAL, 2016;2018a).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente trabalho foi possível observar que as práticas de viagens contraculturais se atualizam na contemporaneidade e são incorporadas nos estilos de vida dos sujeitos que optam pelas viagens como estilo de vida. As formas alternativas de trabalho, moradia, lazer e deslocamentos, apropriadas pelos sujeitos contemporâneos, são mediadas e facilitadas por meio de plataformas e aplicativos digitais e, portanto, possuem suas próprias singularidades. Tendo em vista que a sociedade contemporânea está organizada em torno de redes de comunicação (CASTELLS, 1999), é possível afirmar que a adoção deste estilo de vida é impulsionada por fatores como a globalização, as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a relativa facilidade de acesso aos meios de transportes²¹.

¹⁹ Grupo de mochileiros no Facebook. Disponível em:
https://www.facebook.com/groups/MochileirosCuritiba/?locale=pt_BR

²⁰ Perfil no Instagram utilizado como meio de divulgação das viagens de mochila. Disponível em:
<https://www.instagram.com/mochileiroscom/>

²¹ Ver: CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

A expressiva adoção deste estilo de vida por mulheres de diversas nacionalidades demonstra que este é um fenômeno transnacional, que abrange sujeitos de distintas classes sociais, raça/etnia, faixa etária, etc. Dados do site oficial da WorldPackers sugerem que atualmente a plataforma conta com mais de 1 milhão de assinantes espalhados em 170 países²². Nas redes sociais, milhares de sujeitos compartilham suas vivências e se dedicam à divulgação deste estilo de vida, fator que demonstra a consolidação deste estilo de vida na contemporaneidade.

De um modo geral, pode-se afirmar que a intersecção entre as viagens contraculturais e as viagens como estilo de vida na contemporaneidade ocorre a partir do conjunto de valores compartilhados entre os sujeitos, como a busca por liberdade, autoconhecimento, contato com outras culturas, aventura e independência. Entretanto, em termos históricos, as práticas de viagem contraculturais foram incorporadas a um estilo de vida que adequa-se à sociedade contemporânea em diversas dimensões, principalmente no que tange à necessidade de mediação das plataformas digitais. Portanto, não apresenta-se como uma ferramenta de contestação à ordem vigente.

Diante do exposto, este trabalho buscou identificar quais práticas características das viagens contraculturais são incorporadas pelos sujeitos que elegem as viagens como estilo de vida na contemporaneidade, bem como contribuir para a reflexão acerca deste estilo de vida a partir do arcabouço teórico-metodológico das Ciências Sociais e áreas afins. Devido à complexidade do fenômeno, faz-se necessária a realização de novas pesquisas teórico-empíricas acerca do fenômeno.

²² Dados disponíveis em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/a-historia-da-worldpackers>.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHLS, Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho., & Pereira, Yára Christina Cesário. Hostel: o estado da arte e considerações para futuras pesquisas. *Caderno Virtual de Turismo*, 17(3), 2018.
- BRAGA, Gustavo Bastos., FIÚZA, Ana Louise Carvalho., & REMOALDO, Paula Cristina Almeida. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. *Sociologias*, 19(45), 370–396, 2017.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. In: *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 21, pp. 133-157, 1988.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Ana Lucia de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, p. 150, 2003.
- CLIFFORD, James. *Culturas Viajeras*. *Revista de Occidente*, 170-171: 45-74, 1995.
- DA SILVA, Vitáli Marques Corrêa. A decadência moral do american way of life vista por Hollywood: uma análise crítica dos filmes “Beleza Americana” e “Clube da Luta”. *Revista Contraponto*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/54390>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- DUPLANIC, E. «El viajero posmoderno. Un aporte a la tipología de viajeros». *Boletín de Literatura Comparada, Número Especial Literatura de viajes*: 63-74, 2005.
- FALCÃO, Denise. Ser mochileiro: uma constituição social e pessoal do “mochilar”. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, dez. 2016.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 - 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HÜBNER, Jeniffer; FROEHLICH, José Marcos. Os Sentidos Utópicos no Antropoceno: comunidades e micropolíticas de resistência. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 25, n. 3, e93867, p. 63-79, setembro de 2023.

KAMINSKI, Leon. A revolução das mochilas: contracultura e viagens no Brasil ditatorial (Tese de Doutorado). Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

KAMINSKI, Leon; VIEIRA, Danusa. Rosa dos ventos no peito: mulheres, viagens e contracultura. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1–29, 2020.

MARINS, Anna Elizabeth Sales de. *Worldpackers: a hospitalidade mediada e promovida pelo desenvolvimento tecnológico*. Niterói, 2018.

OYHANTCABAL, Laura Mercedes. *Eligiendo ser nómade en la sociedad contemporánea: Una Aproximación a las prácticas y discursos de quienes eligen el viaje como modo de vida*. Montevideo: Universidad de la República, 2016.

OYHANTCABAL, Laura Mercedes. Brotes nómades - el viaje como modo de vida. Un recorrido por la metodología de una etnografía multisituada: Nomadic outbreaks - the journey as a way of life. A journey through the methodology of a multi-sited ethnography. *Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 87–113, 2018a. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1091>. Acesso em: 7 nov. 2023.

OYHANTCABAL, Laura Mercedes. Viajeros y vínculos. El viaje como modo de vida. *Plural. Antropologías Desde América Latina Y El Caribe*, Año 1, N° 1. Enero-Junio, 2018b.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, v. 32, p. 129-156, 2009.

MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal *Alteridades*, vol. 11, núm. 22, julio-diciembre, 2001, pp. 111-127.

MARIN, J. B.; FROEHLICH, J. M. *Juventudes Rurais e Desenvolvimento Territorial*. Santa Maria: Editora UFSM, 2019, 352p.

MOREIRA, Kali Fauaze. *Millennials e o Turismo Colaborativo: o caso do Work Exchange*, em Lisboa. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Tese de Doutorado, 2020.

NOGUEIRA, Mauro Oddo. CARVALHO, Sandro Sacchet de. *Trabalho precário e informalidade: desprecarizando suas relações conceituais e esquemas analíticos*. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília, Ipea. Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. *Turismo e Desenvolvimento: planejamento e organização*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37, 1996.

OMT. *Organização Mundial do Turismo. Introdução ao turismo*. Trad. de Dolores Martin Rodriguez Cóler. São Paulo: Roca, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ROCHA, Ana Luiza. ECKERT, Cornelia. *Etnografias saberes e práticas*. Iluminuras : série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre,. N. 21. 2008.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana*, 3(1), 41–73, 1997.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.